

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2376

A BATALHA



Director Interino: JOAQUIM DE SOUSA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; Africa Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

DOMINGO, 29 DE AGOSTO DE 1925

As Câmaras Sindicais e Unões de Sindicatos podem contribuir para o rejuvenescimento da C. G. T.

A orientação que vimos imprimindo aos nossos editoriais tem agradado bastante a todos aqueles que desejam sinceramente o rejuvenescimento da Organização Operária. Recebemos já algumas felicitações, que, não nos envenecendo porque restrita é por enquanto a nossa obra, nos animam entretanto a prosseguir com entusiasmo e firmeza na senda que resolvemos trilhar.

E' preciso aproveitar o ambiente de concórdia agora estabelecido para, num impulso forte, erguer uma Organização que através de uma grave crise da qual, felizmente, se está restabelecendo.

Uma vitalidade nova animará, estamos esperanças, todas as células que formam a organização proletariana. Desde os sindicatos à Confederação um grande trabalho de reorganização se impõe neste momento. E para realizá-lo são necessárias bastantes competências e, à sua falta, boas vontades que, por vezes, alcançam objectivos tão altos como as competências.

As unões de sindicatos e mais latamente as Câmaras Sindicais têm uma grande tarefa a cumprir: necessitam de metodizar a sua acção, organizar a propaganda sindicalista de forma a atrair ao seu seio o maior número possível de sindicalistas. Os congressos locais que tantas vantagens de enorgulhamento e de propaganda podem trazer têm sido desprezados. E eles são de uma grande utilidade, como facilmente se depreende. Levam o operariado local a interessar-se pela Organização, em cujos congressos podem ver debatidos os problemas que mais de perto lhe interessam.

Uma das resoluções recentes da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, com júbilo o constatamos, foi a de preparar a realização do Congresso local. Exortamos a Câmara Sindical a não abandonar essa ideia e a trabalhar por torná-la uma realidade. E' urgente reunir os organismos operários de Lisboa num congresso onde, com elevação e inteligência, se discutam os problemas que mais lhes interessem e onde se estreitem os laços de solidariedade que devem unir os trabalhadores.

O exemplo da Câmara Sindical de Lisboa bem poderia ser seguido pelas unões de sindicatos, porquanto estamos convencidos de que a rápida realização desses congressos traria à Organização Operária uma vitalidade nova que viria reflectir-se benéficamente na acção da C. G. T. Temos a impressão de que as energias começam a despertar. Oxalá o entusiasmo nascente se comunique depressa a todos os militantes, a todos os operários que, conjugando todos os seus esforços, podem e devem realizar uma grande obra de carácter social.

E' grande, como se deve depreender, a nossa impaciência. Gostáramos de ver, de um dia para o outro, tudo reconstruído e em plena actividade. Que os nossos camaradas saibam compreender esta impaciência e a sintam também é o que mais desejamos. Urge que os organismos aderentes nomeiem os novos delegados à Confederação e que, ao fazerem essa nomeação, tenham bem presentes os interesses do proletariado, que, sendo os nossos interesses, estão entretanto muito acima das conveniências de cada um em particular.

Saúdações

Ontem, à tarde, recebemos os seguintes telegramas:
GRANDOLA, 28.—Corticeiros de Montemor-o-Novo acabam de organizar o seu sindicato e saúdam a organização operária.
GRANDOLA, 28.—Os corticeiros de Grandola, reunidos em sessão para organização do seu sindicato, saúdam a Batalha, C. G. T. e corticeiros de todo o país.

Aplaudindo o gesto de uma grande educadora
A Comissão Administrativa da Secção Profissional dos Serventes protestou o seu apoio moral à ilustre pedagoga D. Vitória Pais, pela sua acção educativa e defesa da neutralidade religiosa da educação nas escolas, e faz votos para que todos os espíritos liberais a acompanhem para que tão ilustre senhora continue a sua acção benéfica.

Abundam as provas morais de que D. Georgina Duarte era gratificada pelas damas misteriosas para quem conseguia as crianças recém-nascidas no hospital

Porque não são preferidas as crianças expostas na Misericórdia de Lisboa

A cumplicidade de D. Georgina Duarte, parteira-chefe da enfermaria de Santa Bárbara, no tráfico de crianças recém-nascidas no hospital de São José causou uma viva indignação por se tratar de uma dama que se considera superior a todos e que olha o seu semelhante com grande soberania. Na verdade custa a crer que uma dama, incumbida de tão altas funções, possa albergar em si sentimentos de mesquice, possa participar num repugnante negócio de venda ou de troca de crianças.

Em qualquer país civilizado, quando um jornal apresentasse as esmagadoras provas que a Batalha ontem publicou, D. Georgina Duarte o menos que sofreria era o afastamento do seu lugar, como medida de dignificação de um estabelecimento de cura.

Em Portugal a única coisa que poderá suceder é a pobre mãe do pequeno Rui ainda ser metida na cadeia por ter tido a ousadia de acusar D. Georgina Duarte duma grande monstruosidade.

O «desinteresse» de D. Georgina Duarte

Dissemos ontem que D. Georgina Duarte era interessada na entrega de crianças a algumas damas que para sempre ficariam ignoradas. Dissemos e provámos com as declarações de Maria Avelina Maia que antes das crianças nascerem já aquela senhora anda de volta das pobres criaturas aconselhando-as a entregarem os seus filhos.

E porque procede assim D. Georgina Duarte? E' ainda o nosso informador que no hospital nos tem fornecido apreciáveis elementos, que nos vai explicando:

—Você compreende que é muito difícil juridicamente apurar-se um caso desta gravidade. Essas transações são sempre feitas occultamente e delas são testemunhas os próprios reus. De forma que os negociadores ficam sempre impunes, demais tratando-se de pessoas bem relacionadas com gente do governo civil.

E vai explicando:
—Todavia se não existem provas jurídicas, não faltam, porém, as provas morais. No hospital de São José, muito particularmente nas enfermarias de parturientes, há muito tempo que se calcula qual a proveniência dos furtos proventos de D. Georgina Duarte. Há muito tempo que se sabe que a parteira-chefe da enfermaria de Santa Bárbara recebe chorudas gratificações em

A ESCRAVATURA BRANCA

troca de crianças que ela consegue arranjar às pobres mães que lutam com falta de recursos, ou aquelas mães que anseiam ver-se livres dos seus filhos.
—Mas quem gratifica essa senhora?

As damas elegantes e o destino das crianças

—Essa gratificação é dada por algumas damas elegantes que costumam aparecer por aquelas enfermarias e que são muito da estima de D. Georgina Duarte...
—Para que querem essas damas as crianças?
—Uma larga pausa abriu um parentese na entrevista. O nosso interlocutor aproveitou o ensejo para reunir os seus pensamentos. E prosseguiu:
—Você sabe que há muitas senhoras que nunca tiveram nem nunca terão filhos. Por conveniências facilmente compreensíveis procuram a todo o custo arranjar um filho... doutra pessoa. Com um filho podem assegurar o seu futuro, e eis tudo.

—Mas porque não se dirigem essas pessoas à Misericórdia de Lisboa?
—Porque na Misericórdia o caso fia mais fino. Com as crianças expostas naquele estabelecimento não poderão essas damas aumentar o senso da população...
—Como pode ser isso, explique-nos, homem!

O nosso entrevistado, depois dum largo sorriso pela nossa estupefacção, explicou-nos:
—Algumas dessas crianças são duas vezes registadas. Uma no hospital com a filiação verdadeira e outra cá fora com a filiação dos tutores.
—E como se consegue essa mistificação?
—Consegue-se porque a parteira ou o médico não participam para a respectiva conservatória o nascimento da criança.
—E para que se faz essa trama?
—Faz-se para garantir o futuro dessas crianças, que filhas das verdadeiras mães ficavam sem o direito ao que essas famílias lhes podessem legar.

Mesmo que o comércio das crianças seja feito com o fim explícito pelo nosso informador não deixa de ser repugnante. Ir a um hospital como se vai a uma feira mercar uma besta não é um acto admissível no nosso século.

Ou por outra: é admissível para D. Georgina Duarte e para o hábil agente Ferreira da Silva porque são dois exemplares dignos do outro.

Pelos hospitais da Universidade de Coimbra

A delegação da Associação do Pessoal dos Hospitais Civis não satisfaz os fins para que foi criada

COIMBRA, 27.—Já aqui o dissemos. A Delegação da Associação do Pessoal dos Hospitais Civis não cura dos interesses dos seus associados. Os seus corpos gerentes, ora em exercício, têm deixado, com a sua inércia criminosa, que este organismo se desfizesse pouco a pouco, como manifestou gáudio daqueles que têm interesse em que o pessoal dos hospitais se encontre desorganizado.

Os atropelos às regalias do pessoal são constantes sem que se erga o mais leve esboço de protesto. A classe, por sua vez, mantém-se num completo alheamento pelos assuntos associativos, não reagindo ao desleixo dos dirigentes da Delegação.

No momento que passa, em que todas as classes que querem viver se unem e se apressam para a defesa de direitos já adquiridos e para a reivindicação de regalias a que têm jus, é degradante ver-se uma classe numerosa e com uma missão social importantíssima, debater-se no indiferentismo pelos seus destinos, indiferentismo precursor duma lenta agonia, que terminará fatalmente pela morte.

Como dissemos, os ataques às regalias desta classe são frequentes. Ainda há bem pouco tempo lhe foi subtraída meia hora das três horas e meia que tinham para dividir pelas refeições dum dia de treze horas de trabalho, horário este que vigora nos hospitais da Universidade, não incluindo as noites de serviço.

Alegam os srs. dirigentes dos hospitais que os empregados se tinham apoderado indevidamente dessa meia hora, quando é certo que já havia anos que vigorava o regime das três horas e meia para refeições, sem que surgisse qualquer reparo por esse facto, o que leva a crer que a direcção dos hospitais aguardava a desorganização do pessoal para começar no cerceamento das suas regalias.

Em face desta atitude dos dirigentes do hospital, era natural que se esperasse da parte dos lesados um protesto veemente em defesa dos seus direitos feridos. Mas não. A classe manteve-se num silêncio degradante e vexatório.

Essa direcção da Delegação? Essa, em vez de enveredar por aquele caminho que logicamente lhe estava indicado, afirmando, em nome da classe que representa, a sua repulsa pelo golpe recebido, mergulha-se, pelo contrário, numa apatia e num silêncio subserviente que toca as rasas da convicção.

E assim se vê uma classe laboriosa manter-se acorrentada ao mais degradante dos servilismos, porque uns não têm coragem de afirmar a sua revolta, e outros calam-se covardemente para continuarem merecendo as honras da amizade do sr. dr. A... oh do sr. dr. B...
Para isto que é necessário que volvam

É AMANHÃ QUE SE REALIZA O BRILHANTE ESPECTÁCULO PRÓ-“BATALHA”

O PROGRAMA ASSEGURA UM INTERESSANTE SERÃO DE ARTE QUE FICARÁ RECORDADO :: POR TODOS OS QUE A ELE ASSISTIREM ::

E' amanhã que se realiza no amplo Salão de Festas do Sindicato da Construção Civil, calçada do Combro, 38-A, 2.º, o interessantíssimo espectáculo pró-“Batalha”.

O programa desta grandiosa festa foi bastante melhorado, devido a numerosas ofertas de pessoas que se prestaram a dar o seu valioso concurso.

Assim a peça a Teima foi substituída pela fina comédia O Beijo que será desempenhada por um núcleo de distintos artistas que para tal espontaneamente se ofereceram.

O programa da festa ficou assim definitivamente constituído:

1.ª parte.—A's 21 horas prefixas. Palestra de abertura pelo nosso camarada Nogueira de Brito, seguindo-se a comédia O Beijo, desempenhada pelos artistas Taveira Santos, Dias Junior e Judit Santos.

2.ª Representação da sensacional revista em 2 actos e 2 quadros Sem pés, nem cabeça, género arte-nova, especialmente escrita para esta festa. O 1.º acto terá por comperes Daniel Silva e Eduardo Gorrão.

Haverá bailados clássicos e modernos, duetos, admiráveis canções e cançonetas e fados hilares por Elvira Costa, Elvira Guedes, Maria Dionísia, Lubelia Stichini, Irene Martins, Branca Marques, Ivone Guedes, Nazaré Amoretti, Julia Amoretti, Anibal Augusto, Manoel Guerra, José de Almeida, José Esteves, Stelio Gil, José Natário, Carlos Cunha e os aplaudidos clowns Joaquineto, Alegrito, Tomasito e Soli. Os números de fados jocosos são desempenhados por José Ribeiro, Carlos Ribeiro e Manuel Varino, acompanhados pelo guitarrista Bombita e o violista Barradas.

O acto encerra com uma apoteose de grande efeito à “Batalha”.

No 2.º acto será apresentada uma selecção de números das melhores revistas que se têm representado nos teatros de Lisboa, além doutros expressamente escritos, desempenhados por Maria de Vasconcelos, Alzira Moreira, Judith Santos, Elvira Guedes, Irene Guedes, Branca Marques, Irene Martins, Manuel Guerra, Anibal Augusto, José Esteves, J. Matos, Luís de Freitas, Isidro Soares, António Leone, João Guedes e os irmãos Lirios.

A revista está montada com grande luxo. A orquestra é constituída pela pianista D. Maria Marques e o Grupo Musical jazz-band os “Lisbios”.

Os bilhetes encontram-se à venda na administração de “A Batalha” e na residência do continuou.

Uma comissão de sócios do Grupo Dramático de Belém e da Sociedade Musical Instrução Libertada tomou a iniciativa duma festa de auxílio à Batalha. Nesta festa que se efectua no dia 26 de Setembro colaboreará o grupo de alunos da Escola de Teatro Araújo Pereira.

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

Os financeiros belgas e alemães andam negociando territórios

Os territórios de Eupen e Malmédya tiveram de ser cedidos pela Alemanha à Bélgica, por imposição do tratado de Versalhes. Para que a cessão daqueles territórios de população germânica fosse realizada sem o aspecto de conquista, houve um referendun que não passou de autêntica comédia.

Entrou logo a governar os territórios o general belga Baltha, que exerceu sistematicamente vexames e perseguições aos habitantes. Ficou em triste memória a figura de mesmo general, mas outros elementos se sucederam em igual senda.

O capitalismo belga nada ganhou na cessão. A indústria de Eupen e os campos agrícolas dos arredores perderam os mercados de Aix-la-Chapelle e não podem ganhar os mercados belgas, já plétóricos da produção nacional. Tornou-se quasi geral a crise de trabalho e encarecimento da vida.

Os financeiros belgas andam agora avarbados com enormes dificuldades; e, como as populações e os territórios podem ser bons ou maus negócios, já pensam em restituir aos alemães, em valiosas notas bancárias, Eupen e Malmédya, despresando o «retumbante» referendun.

Favorecem as «boas» intenções dos germânicos. Os banqueiros alemães aceitam a transacção e os diplomatas do Reich vislumbram o êxito de tantas tentativas feitas desde 1924.

Entre os gabinetes de Berlim e Bruxelas um acordo anda em via de realiação: a

Bélgica cede os territórios de Eupen e Malmédya e a Alemanha cede, em troca, um milhão e meio de francos-ouro. O banqueiro belga Franquetti, o mais poderoso, anda interessado na transacção. A sua vontade é lei do país, e porque ele o quer, a imprensa belga mantém-se silenciosa.

A guerra civil na China

Um negócio que não agradou a compadres
PEQUIM, 28.—As legações inglesa, francesa e japonesa protestaram ontem contra o lançamento do empréstimo interior de 25 milhões de dólares. Este protesto é concebido nos mesmos termos em que foi concebida a nota americana dirigida na quarta-feira ao governo de Pequim.—(H.)

Um que chegou, anuiu e venceu

CANTÃO, 28.—O «Kuomintang» ou comité executivo central vermelho anuncia oficialmente a admissão de Feng-Yuh-Siang no partido e a sua nomeação como membro do governo nacionalista.—(H.)

Continua o avanço do exército vermelho

CANTÃO, 28.—Um comunicado oficial diz que o exército de Cantão, depois de ter ocupado Yochow, avançou e ocupou Tsung-Yang, marchando agora na direcção de Hien-Ling, que está prestes a ser ocupada.—(H.)

Senhor da Serra, em Belas

Realizando-se hoje a romaria ao Senhor da Serra, em Belas, a Companhia Portuguesa porá em circulação, além dos comboios entre Lisboa-Rossio e Queluz, alguns comboios especiais de Alcântara-Terra.

Os bilhetes de ida e volta de Lisboa-Rossio ou de Alcântara-Terra para Queluz custam 5\$00 em 1.ª classe, 4\$70 em 2.ª e 3\$00 sendo válidos, no regresso, para qualquer das duas estações.

O horário dos comboios entre Alcântara-Terra e Queluz é o seguinte: partidas de Alcântara-Terra às 7,00, 8,38, 11,44, 13,28, 15,00; partidas de Queluz às 15,10, 16,15, 17,40, 19,33, 20,25 e 23,20.

Na Figueira da Foz

A cidade da Figueira da Foz vai ser hoje visitada por um grupo de jornalistas de Lisboa. O sr. Luís Meireles, director do Casino Peninsular, oferece-lhes um almoço e proporciona-lhes diversões. Todos os jornais de Lisboa estarão representados nesta simples festa.

Notas & Comentários

Há seis anos
Fez ontem de madrugada seis anos que um grupo suspeito de esbirros da policia e «formigas» democráticas assaltou a Batalha, empastelando-lhe o tipo e disparando à doida contra os redactores. Pretendia-se então inutilizar por esse processo odioso e violento um jornal que, pelo seu desassombro, pela sua coragem moral, denunciava todos os crimes e atacava todas as explorações. Mas o proletariado soube desfrutar-se dessa violência, votando uma greve geral de protesto, que foi gloriosa, e angariando rapidamente valiosos donativos em dinheiro que permitiram que a Batalha saísse mais aguerriada do que antes, dias após o assalto.

Entradas de leão...

A Informação, supondo que brincaria conosco impudentemente, intimou-nos a falar claro acerca do seu pobre director. Atendemos o seu pedido e em vez dum desmentido, diz-nos que nós só respondemos com insultos. E é tudo isto a sua réplica. Acreditamos que ela não podesse ter sido mais extensa e mais categorica. Quem lhe mandou ter entradas de leão que teriam fatalmente de terminar em saídas desastrosas.

Os comerciantes prepararam-se para regressar ao sistema do assambarcamento de géneros

O comércio, referimo-nos principalmente ao grande comércio, prepara-se para regressar aos péssimos hábitos contraídos no tempo da guerra, que ele de resto não tinha abandonado deboa vontade.

Procura-se seguir a tática, que vigorou ainda alguns anos após a guerra, de retirar determinado género do mercado, provocando assim artificialmente a sua falta com o objectivo criminoso de elevar o seu custo.

Não estamos falando no ar. Tão pouco estamos esgrimindo com hipóteses. O assambarcador já ressurgiu—e o azeite está escasseando devido às manobras desse sordido personagem. Dentro em breve, não haverá à venda uma gota de azeite; daqui a alguns meses ele custará um preço inacessível às bolsas dos consumidores e aparecerão mixórdias líquidas que de azeite só terão a aparência e a cor que lhe é peculiar.

Outros géneros irão pelo mesmo caminho e desaparecerão como vai desaparecer o azeite e subirão igualmente de preço. A cotação do trigo nacional veio dar um salto brusco—depois dos lavradores o terem assambarcado.

Não se pode falar de pão sem citar a famosíssima Moagem, visto que o principal alimento do povo, se não é um monopólio de direito, constitui, de facto, um pernicioso monopólio. Pois a Moagem não respeita o diagrama, misturando nas farinhas toda a espécie de mixórdias, tornando intragável o próprio pão de 1.ª. E ela ficará impune da infâmia que está cometendo, como tem ficado impune de todas as outras que praticou. A Moagem consegue sempre, com êxito, enfiar-nos todas as situações políticas e rir-se de todos os decretos do Diário do Governo, convencida como está de que os únicos decretos a que obedece são as decisões que tomam os seus sinistros administradores.

A Moagem há muito que tinha a obrigação, que lhe foi determinada, por lei, de baixar o custo do pão. O câmbio desceu, teve violentas oscilações, mas não diminuiu o preço nem melhorou a qualidade da mistura com que ela envenena os consumidores. Não nos admira, porém, que ela venha amanhã reclamar dos poderes públicos que o pão seja aumentado.

LEIAM AMANHÃ O Suplemento semana DE A BATALHA

SUMÁRIO:
A personalidade jurídica da igreja ja—Ladislau Batalha.
A prostituição regulamentada.—Arnaldo Brazão.
A tia Germana.—Alfredo Marques.
A propósito de uma frase de Proudhon.—Cristiano Lima.
A memória de Tolstoi.—David do Carvalho.
O problema da Escola Unica.—Mauro Pena.
Profissionalismo, Assistência aos alienados, O que todos devem saber, etc.

A água do Andaluz

A comissão de defeza e melhoramentos da água do Andaluz recebeu um protesto assinado por grande número de consumidores desta água, protestando contra o facto de se negociar com aquela água.

A comissão averiguou já da identidade dos negociantes e deliberou publicar um manifesto sobre o assunto.

Ocupou-se também da urgente necessidade de concluir as obras de melhoramento destas águas a fim de evitar que no próximo inverno as águas pluviais se misturem com as desta nascente, e da conveniente transformação do Largo de Andaluz.

Festa de homenagem a Júlio Pereira

No Salão de Festas da Construção Civil realizou-se ontem uma interessante recita de homenagem ao amador Júlio Pereira. Decorreu com grande brilho e entusiasmo, tendo o programa agrado e entusiasmo. Representou-se o drama em 4 actos «A filha do saltimbanco», que foi muito bem interpretado.

ASSINEM Os mistérios do Povo

Explicam-se os motivos porque têm sido morosas as obras do novo Manicócio

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Camarada Redactor:—Tendo o Conselho de Secções do Sindicato da Construção Civil, reunido e apreciado umas referências feitas ao funcionamento das obras do novo Manicócio do Campo Grande, em artigo de fundo publicado no jornal *O Seculo* de 23 do corrente, intitulado «Um caso de consciência», vem este conselho pedir a publicação na integra da presente carta, pois que em obediência à verdade o mesmo deseja esclarecer o público, mal informado dos motivos que têm originado a sua não conclusão, e ainda para evitar que aos operários que nas referidas obras têm empregado a sua actividade profissional lhes possa ser atribuídas quaisquer responsabilidades pela não conclusão das referidas obras.

Dis-se no citado artigo que Rilhaletes não é um hospital, não é um manicócio, mas simplesmente uma prisão hedionda.

Até aqui inteiramente de acordo.

Porém continua dizendo: deixará de se-lo no dia em que as obras de Santa Engracia do Manicócio Bombardeado, no Campo Grande, estiverem concluídas.

E por que não estão, volvidos quinze anos após o seu início?

Primeiro de que tu, senhor redactor, deves dizer que as aludidas obras não se iniciaram há quinze anos, mas sim doze, pois tiveram início para a construção de um muro de vedação do lado oriental em 9 de Dezembro de 1912, obras que paralisaram em Setembro de 1913, e assim estiveram até à conclusão do indispensável projecto de edificação.

Depois recommencaram em 22 de Julho de 1914, para tornarem a suspender em 10 de Março de 1920, e recommencaram novamente em 13 de Junho de 1921.

Para melhor esclarecimento, convém notar que as obras foram feitas sob o regime de salários até Março de 1920, e sob o regime de tarifas parciais dadas aos operários desde 13 de Junho de 1920 até à presente data.

Para que não continue fazendo juízo errado acerca do funcionamento daquelas obras e consequentemente da boa ou má conduta moral e profissional dos operários que ali têm empregado a sua actividade, bastará dizer-se que numa área de cento e oitenta mil metros quadrados de terrenos se encontram feitas todas as terraplanagens, arruamentos, rede geral de esgotos, assentamento de sargentas, copiamento de muros da fachada principal, gradeamentos, etc., estando também já construídos, mas em parte, trinta edifícios, doze dos quais possuem cerca de cinco mil metros de cubagem.

Há mais dois em construção com coberturas de ferro e cimento armado, trabalho que se está fazendo presentemente.

Assim, camarada redactor, se prova desta maneira que em doze anos de construção efectiva, mais soma de trabalho não era possível realizar, ainda mesmo que se tratasse de construir gaiolas, quanto mais edifícios como os de um manicócio, cujos alçargues medem 1^m,20 de espessura, e as paredes 0,30.

Quere isto dizer que não tem havido da parte do respectivo operariado negligencia ou inapetência, mas sim uma verdadeira noção dos seus deveres profissionais.

Quanto à Comissão Administrativa, ela dirá da sua justiça se assim o entender, estando no entanto o Conselho de secções convencido, de que ela tem sabido administrar zelosa e honestamente as referidas obras.

E também conveniente esclarecer, camarada redactor, que os quatro mil contos adquiridos, no governo de José Domingos dos Santos não foram gastos quanto a nós, para manter 200 operários, como o «Seculo» alardeia, pois é necessário que se diga ali não é assim, nem tampouco coio de mandrões, tanto mais quanto é certo os operários trabalharem por tarifas parciais.

A referida verba gastou-se em má obra, é verdade, mas também é necessário que se saiba que dois terços da mesma se destinaram à aquisição do material indispensável para o prosseguimento das aludidas obras.

O que tem contribuído e ha-de continuar contribuindo para a morosidade das obras do novo manicócio é tão simplesmente a incuria dos governos, pois parece não ligarem a menor importância a uma obra de tão elevado valor social, obra que este Conselho afirma, sem receio de desmentido, não existir outra igual no nosso país.

E assim, camarada redactor, enquanto se tiver que andar mendigando dos governos (isto como escola) verbas para o prosseguimento daquelas obras, e elas sejam votadas, é certo, mas muito reduzidas, certamente o numero de pessoal operário terá que ser restrito e continuar-se-há verificando, de apenas, por este motivo a sua morosidade.

E tanto assim é, camarada redactor, que bastará dizer que o actual governo, a quando da votação do orçamento geral do Estado, nenhuma verba votou para as aludidas obras, apesar de se lhe ter pedido que o fizesse, tanto mais que além da necessidade da conclusão das obras daquele hospital, existe na industria particular uma enorme crise de trabalho entre o operariado da Construção Civil, que o governo mais agravara com os despedimentos de pessoal que daquelas obras se tem feito, em virtude da falta de verba para o seu prosseguimento. Concluiremos, pois, camarada redactor, com esta opinião: enquanto os governos não tiverem em mais atenção a necessidade de activar as aludidas obras com maior numero de pessoal operário, dotando-as para isso com novas e mais avultadas verbas, elas jamais se concluirão, tanto mais que pelos motivos expostos até prestes a pausar novamente.

Carlos Maria Coelho
Secretario-geral

TEATRO
AVENIDA HOJE
E TODAS AS NOITES
O FAMOSO
Dr. da Mula Ruça
Primoroso desempenho
Orquestra Jazz-Band

Leite o Suplemento da "A Batalha"

Uma reclamação de operários presos

Recebemos a seguinte carta, que vem assinada por alguns dos operários capturados nos últimos dias:

Os presos que se encontram nas diversas esquadras de policia, tendo conhecimento que a sua situação está entregue ao sr. ministro da Guerra, pedem para que lhe seja resolvida, no mais curto prazo de tempo, pois que estão há 24 dias presos e incomunicáveis e alguns, ainda, sem terem sido ouvidos, e os que já foram são acusados de pertencer a um partido politico. E' esse o crime que os obriga até à data, ou seja 24 dias, à incomunicabilidade e com péssima alimentação, o que está fora das leis da Constituição. Por isso pedem ao sr. ministro da Guerra, para que resolva a situação com justiça no mais curto prazo de tempo.—Calabouço do Caminho Novo.—Leonel da Cruz, Manuel Leal, José de Sousa Dias, Mário Henriques Coelho, João Marques.

Para garantir a existência de A BATALHA bastará que cada leitor lhe arranje outro

leitor, que cada assinante lhe arranje um novo assinante.

SOCIEDADES DE RECREIO

Concentração Musical 24 de Agosto.—Hoje, baile, às 21 horas.

Grupo Excursionista «Os Conimbricenses».—São convidados a reinar amanhã, pelas 19 horas, na rua Alves Correia, 44, os elementos já inscritos nesta colectividade em organização.

DESPORTOS

Pedestrianismo

Realiza-se hoje uma prova pedestre de Sacavém a Braço de Prata, promovida por principiantes não medalhados de Braço de Prata.

A partida effectua-se às 16 horas e a inscrição está aberta no pátio da Matilha.

Ciclismo

Lisboa-Caldas-Lisboa.—Realiza-se hoje a grande prova de 200 quilómetros Lisboa-Caldas-Lisboa, organizada pela U. Velocipedica Portuguesa no percurso seguinte:

Mercado Geral de Gados, partida; Loures, Louzã, Malveira, T. Vedras, Outeiro, Bombarral, Obidos, Caldas da Rainha e volta pelo mesmo percurso.

Chegada provável ao Mercado Geral de Gados, às 15,30 horas.

Acham-se inscritos para esta prova, os corredores Augusto Pereira, Manuel Rijo da Silva, Quirino d'Oliveira, Artur Dias Maia, Albino Lima Alberto, Arnaldo Gonçalves, Francisco Matos, António Mil Homens.

A partida será dada às 8 horas da manhã prefeixas.

Operário Foot-ball Club

Realiza-se hoje, no campo do «Operário Foot-Ball Club em São Vicente, um torneio inter-sócios, de atletismo com as seguintes provas:

Para Juniores: 80 metros, 150, 300 e 1000, estafetas 3x100. Saltos em altura ciorrida, saltos em comprimento e lançamento de peso. **Para infantis até 17 anos de idade:** 60 metros, 500, estafetas 3x60, saltos em altura ciorrida, saltos em comprimento, lançamento de peso.

Haverá medalhas para o 1.º e 2.º classificados em cada prova.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Vila Franca» são hoje expedidas malas postais para a Madeira, São Miguel e Santa Maria e pelo paquete «Santarém» para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, sendo da Estação Central dos Correios as últimas tiragens de correspondências às 10 horas, para ambos os paquetes.

Secção Telegráfica

Federações

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Évora.—Recebemos vale de correio.

Aos Núcleos.—Respondam às circulares.

Aos nossos correspondentes

A expansão dum jornal está sempre na razão directa da dedicação e do esforço dispendido por todos os seus servidores.

Jornal operário, por e para trabalhadores feito, *A Batalha* carece de muitas e grandes dedicações que de toda a parte a informem do sentir dos oprimidos, cujos protestos, queixumes e aspirações ela tem a missão de interpretar, ao mesmo tempo que os oriente na maneira de conseguirem emancipar-se.

E porque o correspondente é sempre o elo que liga ao jornal a atenção das populações distantes, pedimos aos nossos correspondentes maior assiduidade no envio de informes, no que prestarão um bom serviço à causa e evitarão que, muito a nosso pesar, os eliminemos do caderno-registo dos nossos informadores.

A todos aqueles que se nos têm oferecido para correspondentes nas localidades onde ainda os não temos, solicitamos que nos enviem urgentemente duas fotografias, uma para o cartão de identidade que lhes será distribuído, e a outra para o nosso registro.

DESASTRE NA LINHA FERREA

Num embate de material ficam quatro homens gravemente feridos

Da estação dos Caminhos de Ferro, Lisboa, P. (Santa Apolónia), saiu ontem cerca das 5 horas da tarde, com destino ao Campo Pequeno, um comboio da mercadorias, no qual servia como guarda-freio da cauda, o carregador da secção de trens, da C. P. Joaquim Mendes Pinto, de 30 anos, natural da Covilhã, e residente na rua Cavaleiro Oliveira, 1, rua José Falcão, 33, 4.º D. Ao passar em Chelas, notaram que num dos vagões que transportava carvão se manifestara incêndio, pelo que o chefe do mesmo apeadeiro, ordenou que cortassem o material, separando do vago incendiado os restantes. Quando, porém, se procedia a essa manobra, o referido vago ficou junto à máquina, enquanto os restantes, não obedeceram aos freios e adquirindo excessiva velocidade, devido à declinação do terreno retrocederam, seguindo sem governo, até à Madre de Deus, onde foram chocar violentamente com uns outros vagões que se encontravam na linha 8, de alguns dos quais vários trabalhadores da Companhia Portuguesa e Colónias descarregavam uma porção, de pinho que se destinava à mesma Companhia. Do embate resultou ficar algum material bastante danificado e feridos o carregador Joaquim Mendes Pinto, com uma perna fracturada, João da Cruz, de 60 anos, natural de Arganil, medidor da Companhia Portuguesa e Colónias, residente na calçada dos Barbadinhos, 134, porta, 7, muito ferido na cabeça, António Rodrigues Mariano, de 51 anos, natural de Tinalhas, (Castelo Branco) residente na Vila Dias, ferido na cabeça e contuso pelos braços e Pedro Ribeiro, natural de Lisboa, soldado 484 da 5.ª bateria de artilharia n.º 3, morador no Beco dos Toucinheiros, pátio José Padeiro, 2, que acidentalmente ali se encontrava, e que ficou muito contuso pelo corpo. Dado o alarme, acudiram vários automoveis da Cruz Vermelha e bombeiros, nos quais os feridos foram transportados ao Hospital de São José, em cujo Banco foram observados e pensados pelos Drs. Alberto Mac-Bride e Guilherme Alvelos, recolhendo depois todos à Sala de Observações, à excepção de António Mariano que seguiu para casa.

AGREMIACÕES VARIAS

Socorro Vermelho Internacional.

Secção Portuguesa.—A reunião deste Comité, que se devia effectuar na passada quarta-feira, foi transferida para a próxima quarta-feira, 1 de Setembro.

No dia 2 reúne o Comité Regional do Centro.

A Comissão de Socorros às crianças pede a todos os organismos a quem enviou bilhetes para o passeio fluvial, a fineza de os liquidarem ou devolverem, até ao próximo dia 28 do corrente, o mais tardar. Isto é absolutamente necessário visto que a referida comissão precisa saber rigorosamente o numero dos bilhetes passados a fim de calcular o material naval que será necessário para a excursão.

Liga Pro-Moral.—Para discutir e votar o relatório e contas da gerência, preencher cargos vagos na direcção e apreciar uma consulta acerca da posição da Liga perante a Federação das Associações de Beneficencia, em organização, reúne amanhã, às 21 horas, na sede do Sindicato do Pessoal do Arsenal da Matilha, rua de São Vicente, 2, 1.º à Graça, a assembleia geral desta associação de protecção à infância.

Se às 21 horas não se reunir o numero legal de associados, a assembleia funcionará, em segunda convocação, uma hora depois, com qualquer numero de presentes.

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO

TERRAS DE FOGO

—DE—

Juliano Quintinha

2.ª Edição — Escudos \$800

A venda em todas as livrarias. — Pedidos à secção de Livraria de *A Batalha*

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Faleceu D. Maria da Conceição Ervilha, mãe do operário montador de máquinas das oficinas gerais da Companhia Portuguesa, José Ferreira Ervilha, e cujo funeral se effectuara hoje, pelas 16 horas, do beco dos Toucinheiros, 4, 1.º, direito, a Xabregas.

MANIFESTAÇÃO FÚNEBRE

Uma comissão composta por José Maria do Rosário, Agostinho, António Domingos e Eduardo Portugal, prestando homenagem à memória do falecido fabricante de artigos de viagem Caetano de Oliveira Duarte, vai mandar colocar uma corôa na sua campa.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Roeder. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço \$100.

Pedidos à administração de *A Batalha*.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkinoi. Preço \$50.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

IDEARIO

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capitulos:

Doctrina — Critica Social — Educação Literaria — Tactica — Evolução e Revolução — Violência — Liberdade e Autoridade — Ensayos Filosóficos — Ideário — Ideas Iconoclastas — Moral — Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espiritual — Homens Representativos — Trabalhos Polémicos — Lecturas — Fragmento Inedito.

Preço \$1500 — Pelo correio \$1650

Pedidos à administração de *A BATALHA*

A FURIA HUMANA

Uma boa intenção mal sucedida

Na enfermaria de São Fernando do hospital de São José, deu ontem entrada José Manuel, de 22 anos, natural e residente em Panoias (Ourique) jornalista e que, há cerca de vinte dias, próximo da estação do caminho de ferro nas Amoreiras, foi ferido com um tiro no joelho direito quando apartava uma desordem.

A obra exaltada de Vitor Serceno

Na Sala de Observações do Banco do hospital de São José, faleceu ontem de manhã o carpinteiro José Ferreira Serceno, que como largamente ontem noticiamos, foi ferido a tiro, por seu filho Vitor Serceno, no Casal do Ouro, próximo do Cartaxo, e outra vítima, Adelaide Pinto, encontra-se ainda em estado grave, tendo ontem sido transferida da Sala de Observações para a enfermaria de Santa Joana.

Uma facada fora de propósito...

A enfermaria de Santa Joana, do hospital de São José, recolheu, em estado grave, Maria da Conceição Rezende, 30 anos, criada de bordo, moradora na rua Barão Sabrosa, 11, que, no campo das Cebolas, foi agredida com uma facada no pescoço por um individuo que desconhece. O agressor foi preso.

A VENDA A 10.ª SÉRIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas \$600.

A obra mais barata que no género se publica

Colhido pelo comboio

A enfermaria de Santo António do Hospital de São José, recolheu o descarregador José de Figueiredo Lima, 34 anos, rua 24 de Julho, 110, r/c, que foi colhido pelo comboio em frente à Rocha do Conde de Obidos. Apresenta fractura no braço direito.

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresión capitalista»

Esta publicação em lingua espanhola que se encontra à venda em nossa administração, é o relato histórico, documentadissimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvares da civilização.

Cada fasciculo de 48 páginas, 1800, pelo correio, registado, 1650.

Estão publicados os seguintes fasciculos:

1.º — La era de la esclavitud;
2.º — La rebelión de Esparta;
3.º — Abolición de la esclavitud;
4.º — Abyección y Servidumbre;
5.º — La revolución de los siervos;
6.º — La miseria de los agricultores;
7.º — Transformación del Poder Feudal;
8.º — El comunismo cristiano;
9.º — Los miserables en la Edad Media;
10.º — La libertad ilusoria;
11.º — La agonía del absolutismo;
12.º — El trabajo motor universal;
13.º — El imperio de la guilhotina;
14.º — Las ideas sociales y la revolución francesa.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3500.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6500.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kôpe, 6500.

A venda nas livrarias e na administração de *A Batalha*.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Queixas e reclamações

O brado dum preso

António Braga, preso na cadeia civil do Porto, sala 2, escreve-nos protestando a sua inocência no caso de agressão ao guarda 667 da policia civica daquela cidade, da qual resultou a morte. Diz-nos este preso que o motivo da sua detenção se deve ao facto dele se encontrar no momento da agressão no local onde ela foi praticada, sendo no dia seguinte preso e sóto três dias depois por se provar a sua inocência.

Quando tudo parecia estar arrumado para o António Braga este foi novamente detido por a policia e removido para a cadeia, onde se encontra à espera que lhe reconheçam a sua inocência.

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — *Empresa Literaria Fluminense, Limit.* — R. dos Retreiros, 125 — LISBOA.

A venda na administração de *A Batalha*.

TEATRO NACIONAL

HOJE

COMPANHIA

Ilda Stichini-Alexandra Azevedo

A representação da comédia em 3 actos de Raul Geraldy e Robert Spitzer, tradução de Maria de Sotto Mayor e Carlos Abreu

Se eu quisesse...

Nos principais papeis:

Germana—Ilda Stichini, Marcela—Albertina de Oliveira, Luisa—Maria Emilia, Filipe—Alexandre Azevedo, Berthier—Raul de Carvalho, Panon—Luis Pinto, René—Octávio Brandão.

'A Batalha' na provincia e arredores

Ceia

A carestia da vida

CEIA, 27. — Voltam a sair dos lares dos que labutam honestamente pelo pão de cada dia, gritos de protesto contra a injustificada alta de preços nos géneros de primeira necessidade, que os gananciosos pretendem manter elevados a todo o custo, mesmo que tal attitude custe a vida a centenas de desgraçados. O que se está passando com os géneros de primeira necessidade demonstra bem claramente que as garras dos especuladores se estenderam mais uma vez e que os pobres estão a sofrer um formidável movimento de protesto dos que trabalham as mãos e vivem a colher.

E' insustentável tal estado de coisas. Os proprietários fazem parade para a redução dos salários e pretendem que se lhes pague o azeite a 100\$00 o alqueire, a batata a 12\$00 a arroba, etc., etc., isto quando um trabalhador rural ganha a miséria de 6\$00 por dia...

O sarampo

Continua a fazer grande numero de vítimas a epidemia do sarampo que grassa com grande intensidade neste concelho.—C.

Santa Catarina

Um padre que paga a outro para insultar, no pulpito, os seus inimigos

SANTA CATARINA (TAVIRA), 27.— Realizou-se nos dias 21 e 22 do corrente nesta freguesia a tradicional festa da Senhora das Dores. Não houve incidentes desagradáveis. Foi pregador o padre Pardal, que, se conseguiu agradar nos primeiros sermões, no ultimo foi muito infeliz. Saiu da igreja muita gente mal impressionada por ver que tal sermão havia sido encomendado pelo prior da freguesia e tinha meramente por fim alvejar o professor da localidade.

Esta criatura é vítima do odio mal disfarçado do padre de Santa Catarina pelo facto de não se confessar ao menos uma vez cada ano; de não ir a missa todos os domingos e dias santos de guarda; de não achar tudo quanto o sr. prior faz muito bem feito; por ter a missão civilizadora de educar e instruir os filhos do povo e não ensinar o catecismo; e sobretudo pela circunstancia de escandalizar as acções despoíticas, prepotentes e desumanas que pratica que mais parecem uma afronta às leis de Cristo, que diz cá na terra representar, do que o cumprimento delas.

Porisso nunca perde uma oportunidade de o apontar aos fies como um ser despresivel e pernicioso à sociedade. E o desejo de o vexar, aniquilar, pulverizar, transporecia-lhe claramente através daquele risinho sarcástico de satisfação que lhe ouvimos quando naquella tarde de domingo o avistamos no acto da sua vaidade balofa. Acha que é o pulpito a arma que melhor lhe convem para dizer ou mandar dizer tudo o que quer e entende, fiado em que ninguém ousará replicar-lhe sob pena de ser lynchado pelos crentes; mais considerando ainda que o ataque ao mesquinho e vil verme, feito por um orador sagrado de fama, resultaria mais imponente, mais solene, e produziria no espirito dos ouvintes um efeito mais seguro (pois que a sua moral já está muito conhecida), resolveu por lá bôca do padre Pardal aquilo que lhe andava a soar na alma e foi assim que este sotaiva serviu de instrumento para satisfazer os desejos sempre ávidos de revindicta do seu colega.

O pulpito! Que grande ponto estratégico para os roupetas ferirem os seus inimigos, para fazerem uma guerra através ao que têm a felicidade de possuir o cérebro desempoeirado e livre de preconceitos absurdos e tolos.

O pulpito serve para tudo. E' lá que o abade cá da freguesia faz a sua propaganda politica dizendo aos paroquianos que não se deixem ludir, que meditem bem o que vão fazer, que é ele a única pessoa autorizada e com competência para lhes indicar que é o partido em que devem votar...

E' lá que se tratam das questões que dizem respeito à bolsa e ao celeiro do pároco. E é finalmente no pulpito que faz a maior guerra às escolas sendo raro o sermão em que o professor não é atingido apontando-o à execração pública em geral e ao odio dos fanáticos em especial.

Mas voltemos ao sermão de domingo. O sr. Pardal, depois de vários rodeios, foi direito ao alvo dizendo que havia professores primários que vinham para estes meios acanhados e começavam a querer arvorar-se em mandões do povo, pretendendo arrancar-lhes a fé! A carapuça que aquele senhor talhou a pressa para encaixar no professor desta alçada não lhe serve. Nós sabemos muito bem que lhe pagaram para dizer aquilo, mas estamos também no nosso direito de desmentir tais acusações por serem falsas. Agora, se pôr a nu e criticar o procedimento dum padre que se desvia da sua missão praticando actos que revoltam e indignam toda a gente como os que foram apontados na «Batalha», além de outros que ficam omissos, é arrancar a fé do povo, então tem o sr. Pardal razão... mas nesse caso são mesmo os próprios crentes a arrancarem a fé uns aos outros, visto que bastante o censuram.

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

E' o titulo do n.º 10 da interessante colecção de novelas que se publicam em lingua espanhola sob o titulo generico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$30. Pelo correio \$70.

TEATRO SALAO FOZ

Matinée às 3 h. — Soirée às 9,15 h.

DESPEDIDA dos notáveis artistas

Henriette Dany

Dansarina classica francesa

Marion Valdora

Balharina fantasista francesa

Ultimos espectáculos da gentil completista

Elenita España

PREÇOS POPULARES

Superior, 2500; Plateia ou Balcão, 5500; Camarotes, 15500; Frizas, 20500; Cevites, 1500 e 4500.

TEATROS

No Ginásio

«Bombom», de Pedro Bandeira e Alvaro Leal

música de Raul Ferrão e Angel Gomez

A comédia musicada *Bombom* é como tantas outras uma serie de scenas que outro intuito não têm que não seja o de fazer rir o público. E' claro que a graça tem tomado já tais aspectos, tem executado tantas nuances, que se vai tornando difficil fazê-la. Repisa-se o que está dito, reeditam-se situações, e raras vezes se procura originalidade. E' esse o grande defeito da peça *Bombom* de Pedro Bandeira

A BATALHA

E' já amanhã que se realiza a grande festa de homenagem à "Batalha"



UM GESTO INSÓLITO

A Companhia dos Telefones do Porto dispensou do seu serviço setenta trabalhadores

PORTO, 27. — Ai vai um dos muitos exemplos de como se faz e para que se faz a crise de trabalho em determinadas empresas.

A Companhia dos Telefones deliberou, aqui nesta secção portuense, praticar todas as regras de economia, para que as despesas não possam ir além das estipuladas nos respectivos orçamentos. Os lucros, quanto mais melhor; as despesas, durante o ano, têm de ser à certa, esmiuçadamente as descritas nos «livros» — ainda que o público assinante tenha de sofrer com tão britânica pontualidade orçamental...

De harmonia com o exposto foram, há semanas, dispensados uns 70 trabalhadores — 70 trabalhadores que foram atirados, com toda a flegma inglesa, para as agruras da miséria.

Aliviadas assim as finanças da Companhia dos Telefones, secção do Porto, com a dispensa dos encargos com os salários dos 70 trabalhadores, muito alegremente então foi resolvido comprar um automóvel, um bom automóvel, para que sua ex.ª e o engenheiro, que é uma criatura bastante pesadota, não de uma única passada... a pé.

Se dentro do edifício dos telefones não anda também dentro do auto, é porque o prédio não se presta totalmente a isso: tem escadas e a entrada é estreita...

Examinando bem toda esta «descrita»... descrita com a máxima singeleza mas que por isso mesmo é eloquente, chegamos, de acordo com o nosso informador, a estas simples deduções: o automóvel da gerência não era o bastante; o engenheiro, que também se gentes, precisava de um outro igualmente, para, automaticamente, fazer as suas viagens. Nada mais fácil: comprar-se. E compraram.

A Companhia, porém, é que não podia sofrer com estes excessos de lúxuosas despesas. Isso seria um desequilíbrio colossal, que poderia acarretar um «crucamento» em forma em todas as linhas telefónicas do velho burgo.

Como a gerência e engenheiro são uns bons matemáticos, resolveram o x do problema por esta maneira: «A Companhia só concede as verbas de tal para tal a tal despesa anual? A compra do automóvel vem a carregar uma «derrapagem» de alguns centos, ou para falar em moeda alhada: uma mão cheia de libras amarelinhas fora do apertado orçamento? Oh! não fazer mal! Quem pagar diferenças aos trabalhadores...? E foi pensando desta maneira, que despediram, ou melhor: que licenciaram uns 70 trabalhadores... Com a privação do pão desta gente, é que se equilibra as finanças, isto é, é que se paga as comodidades do automóvel...

E' por estas e por outras que a crise de trabalho vai aumentando...

No entanto, as vítimas do *chômage* não se ralam. O azeite, as batatas, o arroz, o pão e outros gêneros de primeira necessidade vão subindo escandalosamente de preço na directa da desocupação de braços. Até aqui, as coisas iam encarecendo mas, lá havendo-lhes nas fábricas e oficinas. Agora escasseia, aterroradamente, o trabalho e os gêneros, obedecendo a uma nova manobra, «descolaram» outra vez do terreno do bom remeio e vão num *raide* de se lhe tirar o chapéu...

Empreguei em cima o advérbio aterroradamente. Está descabido. Esta situação deprimente não aterra o nosso povo. Era situação para fazer rabiar, dar a casa, grossamente, levantar poeira, fazer fumo. Mas o calor demasiado que tem feito, aumentou as proporções do abulismo, relaxou os nervos, tornando-os ainda mais indolentes do que já estavam. Enquanto o operariado, em face dos acontecimentos económicos, se conserva de boca aberta, por falta de ar, as praças e terras regorgitam de patrões, e dos melhores. Está tudo em férias... até a energia trabalhadora... Descansemos, pois... — C.

'A Batalha'

é o único jornal que vigia atentamente as poucas regalias que usufrui o povo trabalhador. Vivendo para o povo ela é bem digna do seu carinho para que não sossobre

Rendimentos dos operários

Cabouqueiro que cai a um poço

A enfermaria de S. Sebastião do Hospital de S. José, recolheu Manuel Marcelino, de 63 anos, cabouqueiro, residente em Cadafes (Alemquer) e que ali caiu a um poço, ficando ferido e contuso pelo corpo.

Condutor de uma carroça em má hora

No banco do Hospital de S. José recebeu curativo Artur Campos, de 37 anos, carroceiro, residente na Vila Maria 49, loja, que, na Avenida da Liberdade, foi colhido pela carroça de que era condutor, ficando com várias contusões no tórax.

Chauffeur colhido por um automóvel

Na sala de observações do Hospital de S. José deu entrada António Ferreira de Carvalho de 26 anos, natural de Poaires, residente na Azinhaga da Fonte do Ouro, ajudante de «chauffeur» da companhia de cerveja «Estrela» e que na fábrica da mesma Companhia, no Campo Pequeno, foi colhido pelo rodado de um automóvel ficando com a perna direita fracturada.

COISAS DA NOSSA TERRA

No curto espaço dum mês em Leixões produziram-se três pavorosos incêndios em condições misteriosas

Um cavalheiro com a monomania de primeiro homem do mundo vem tardiamente dar razão ao que A BATALHA afirmou

LEIXÕES, 27. — Bem diziamos nós na última correspondência desta terra, que se tornava crónico o relato de incêndios, como assunto de maior importância na vida local.

No curto espaço de um mês nada menos de três pavorosos incêndios se manifestaram, não tendo deixado mais do que pedregalhos nos prédios incendiados.

Depois do último incêndio que deu prejuízos superiores a mil contos, ardeu por completo, há dois dias, uma fábrica de conservas deixando sem trabalho perto de uma centena de operários.

E' desesperador ver que não quem cuide a sério deste problema máximo de entre os assuntos que ha a resolver para bem da população. Falta de água. Falta de cuidado. Falta de fiscalização nas construções. Tudo falta menos a bênção do bispo em 3 partes distintas da vila... que desde então tem sido a cada passo vítima das maiores desgraças. Se não fosse a bênção, dirão eles, seria pior! E nós, por falta de provas, teremos de nos calar, a não ser que queiramos afirmar baldamente como eles fazem.

Conta-gotas, amigo, tem passado ultimamente por metamorfoses estranhas. Estava o nosso homem convencido que era o primeiro bombeiro do mundo; eis senão quando, vê os seus domínios invadidos por dezenas de bombeiros do Porto, Gaia e Coimbra, montando serviços com a rapidez do relâmpago uma disciplina profissional digna de menção. Por momentos conta-gotas, amigo, duvida da realidade mas por fim convence-se e lança no espaço a sentença condenatória do seu título de conta-gotas:

— Eu tenho realmente pouco pessoal! — Então, quando há umano officiante à Batalha a fazer queixa do seu correspondente, mentas ou eras vítima da tua vaidade cega. Não meu velho condecorado? Já vez que deste raia e tremenda!

Mas o homem está ainda variante... chamou os bombeiros do Porto (Voluntários Portugueses) e quando soube que em sete minutos eles se puzeram no local do sinistro, tendo galgado, a voar, entre quilómetros foi aos ares!

Agora faz inúmeras carícias aos voluntários do Porto porque sabe que não se dão muito bem (infelizmente) com a corporação sua congénere e a quem o nosso comandante não perdona a rapidez...

A par com todas as dificuldades técnicas no serviço de incêndios tem, porém, o nosso homem, trabalho insano com as notícias que os jornais lhe publicam sem rebuço e que sabe porque lhe especifica tolerância.

O velho conta-gotas para desmentir o seu «sobriquete» fez publicar que os seus bombeiros trabalham com desenhos de agulhetas enquanto que os que vêm de fora do conchelo trabalham com uma só, é e porque dizer meia agulheta não seria talvez decente... Pobre homem! Quere as agulhetas todas para ele!

Este desleixo não pode, porém, ser tratado a rir! E' a vida de quarenta mil pessoas que se joga nesta constante falta de água e defesa contra incêndios!

Fazer imediatamente a canalização da água da Senhora da Hora para aqui, é a melhor medida a que se deve deitar a mão.

Uma interessante exposição de trabalhos dos alunos da Escola Industrial de Brotero, de Coimbra

COIMBRA, 26. — A Escola Brotero, com tão brilhantes tradições na arte coimbrã, apesar do estado a que a têm reduzido várias vicissitudes que nos dispensamos por demais conhecidas, de relatar, continua afirmando a sua vitalidade, apresentando-nos em obra real e palpável a sua acção, sempre útil e necessária.

Encerrado o ano lectivo, está agora ali aberta uma exposição dos trabalhos dos alunos, que em nada desmerece das anteriores.

Recebemos um convite para ir visitá-la; lá fomos e, francamente, não demos o tempo por perdido.

E' consolador ver o despertar de tantas aptidões de filhos do povo que após um dia de trabalho, vêm ali em cursos noturnos colher elementos para se instruírem e aperfeiçoarem.

A Escola Industrial de Brotero, que se fez por si, pelo esforço dos seus professores e alunos, não tem sido nos últimos tempos amparada e acarinada como merece. Oferece mesmo a quem a não conhece, um aspecto de decadência, mas tem em si vitais elementos para o futuro, ainda não completamente governantes a obra principiada pelo incêndio que há anos destruiu o seu magnífico edificio, e clinicamente continuada pelos políticos e arranjistas de Coimbra.

A exposição divide-se em várias secções:

- 1.ª Desenho e composição decorativa, onde se vê grande quantidade de trabalhos a lápis e a aguarela, sendo algumas reproduções de gesso de outros originaes e do natural.

- 2.ª Desenho de máquinas.

- 3.ª Modelação, compreendendo placas com vários motivos arquitectónicos, estilizados, etc., minúsculas e várias composições renascentes e modernas, algumas de extrema beleza e que bem revelam a aptidão natural dos seus autores.

- 4.ª Trabalhos em madeira. São em pequeno número estes trabalhos, certamente pelo motivo do incêndio do edificio dos correios, junto do qual as oficinas instaladas, mas ainda assim são dignas de atenção algumas peças e malhetadas e uma linda *elagere* em talha.

- 5.ª Trabalhos em ferro, sendo constituidos dos alunos do 1.º e 2.º ano por ajustagens à lima, compassos, régua, esquadros, etc., e do 6.º por furos de tórca, tarachas, etc., duma notável perfeição.

A Escola Brotero precisa de voltar aos seus tempos aureos, de larga frequência e

Mas isto deve ser feito imediatamente se não querermos assistir a alguma catástrofe maior ainda do que as que ultimamente nos têm ferido.

Para forçar a esta medida, convém diz-lo franca e honestamente, é de grande alcance o alvitre do comando dos bombeiros. Sim senhor! Apresentar-se a corporação em péso à Câmara e declarar que nunca mais acudirá a um incêndio enquanto houver esta vergonhosa falta de água! Para grandes males grandes remédios!

Mas... é necessária tanta autoridade moral para uma acção destas! Não se arriscará o comandante a receber a resposta numa gargalhada de escárnio?

A Câmara ligará alguma importância a este problema da água? Por esta época é contar sempre com a falta de água da Companhia que dias seguidos deixa de aparecer aos poucos que têm a felicidade (?) de a ter em casa. A água dos poços não é abundante e muita dela nem se deveria beber. Um dia teremos uma epidemia qualquer que lançará sobre esta bendita terra mais uma bênção da... Dôr que não nos larga.

A água da Senhora da Hora está perto e mesmo com a compressão de despesas talvez se conseguisse verba para a canalizar, oferecendo a esta pobre população esse maior quasi pelo preço da chuva...

E' possível talvez que se tenham de contratar operários para essas obras e isso é que nem por sombras! Dar trabalho numa ocasião destas? Jesus, que blasfêmia!

A Câmara — despediu há tempos vários operários visto que o seu papel é... comprimir. E sabeis quem vem a público protestar defendendo «os pobres trabalhadores» que «humilhante e desumanamente foram expulsos?» O mesmo jornal que meses antes tratava de madraços para baixo esses e outros trabalhadores camarários! E a sua defesa de agora gasta verbe desta laia: — «O ódio continua, a perseguição mantém-se aos pobres trabalhadores. Estamos na defesa dos oprimidos, continuaremos sempre a linha traçada. Os seus ódios serão vencidos por nós porque temos a opinião pública toda a nosso lado. Como a política faz variar as opiniões (?) desta gentinha! Que, também, eles algo há-de fazer em sua defesa, demais que os da tropa acusam de nunca «por os pés» na repartição o director do tal defensor dos humildes...

As fábricas têm tido muito peixe para conservar. Trabalha-se noite e dia. Não haveria maneira de evitar os serões que desgraçam tanta rapariga? Quando pensarmos nestas camaradas que em Matosinhos velam por nós?

Já repararam esses camaradas como a vida está cara? A borra há dois dias que aumentou mais um tostão. A maldita época das romarias fecha os olhos a toda a gente menos ao merceiro que a aproveitou para mais «ferrar a unha».

Que tristeza faz não haver quem nos una, como um só homem, para forçar estes ladrões a serem mais humanos! Terra tão abandonada como esta, só... o deserto! Lá a graça de Deus temo-la mas paporca é que não há sem se esolar um homem em todo o dia! — C.

As fábricas têm tido muito peixe para conservar. Trabalha-se noite e dia. Não haveria maneira de evitar os serões que desgraçam tanta rapariga? Quando pensarmos nestas camaradas que em Matosinhos velam por nós?

Já repararam esses camaradas como a vida está cara? A borra há dois dias que aumentou mais um tostão. A maldita época das romarias fecha os olhos a toda a gente menos ao merceiro que a aproveitou para mais «ferrar a unha».

Que tristeza faz não haver quem nos una, como um só homem, para forçar estes ladrões a serem mais humanos! Terra tão abandonada como esta, só... o deserto! Lá a graça de Deus temo-la mas paporca é que não há sem se esolar um homem em todo o dia! — C.

FESTAS DE BENEFICÊNCIA

A favor da Cantina Escolar e do Lactário da Freguesia de São José

Compreendido no número das festas que estas duas prestimosas instituições estão promovendo, em benefício dos seus cofres, no jardim das suas sedes que tem entrada pela Avenida da Liberdade, junto ao Tivoli, realiza-se hoje, a noite, um artístico e grandioso espectáculo de variedades que chamará, certamente, uma grande concorrência do público. Dignam-se gentilmente tomar parte no mesmo, além do actor Manuel Guerra, tão querido das platéas populares, a gentil actriz D. Aurora Merval, a graciosa e pequenina actrizinha, Silva Monteiro, e os aplaudidos cancionistas Isidro Soares, João Esteves e José do Nascimento, fazendo os acompanhamentos ao piano, a pianista D. Elvira Ferreira.

PROPAGANDA SINDICAL

Uma missão da Federação Corticeira Nacional

De harmonia com uma resolução do conselho da Federação Corticeira Nacional, uma delegacia deste organismo anda percorrendo o Alemtejo em missão de propaganda sindical.

Por telegrama recebido na Federação Corticeira sabe-se que essa delegacia conseguiu organizar os operários corticeiros de Montemor-o-Novo.

A mesma delegacia seguiu para Grândola, São Tiago do Cacém e Sines, esperando-se que sejam reorganizadas as secções de corticeiros das duas primeiras localidades. Pelos bons resultados que esta delegacia tem colhido tudo indica que a Federação enviará, em breve, a outras localidades os seus delegados para os mesmos fins.

Trabalhos progressivos — reclama a cidade, que dela justamente se orgulhava, e a classe operária que nela colhia a cultura necessária para se aperfeiçoar e levar à altura a que realmente chegaram em Coimbra os trbalhos em ferro, talha e pedra.

E agora que foi extinto o Instituto Industrial, que apesar da função útil que devia desempenhar sempre viveu à custa dos balões de oxigénio da política, justo era que se não pensasse em utilizar aquele seu esplêndido edificio em mais nada que não fosse para a ampliação e desenvolvimento do ensino da Escola Brotero.

Esta é que deve ser a ambição da cidade e do operariado que deseja instruir-se.

FERROVIÁRIOS DO ESTADO

A União Ferroviária entregou ao governo uma significativa representação exprimindo a sua discordância com a pretendida alienação ou arrendamento dos caminhos de ferro do Estado

A União Ferroviária, com sede no Porto, entregou ao presidente do Ministério e ao ministro do Comércio uma significativa representação sobre a pretendida alienação ou arrendamento dos caminhos de ferro do Estado a uma empresa particular.

Por ser um documento muito extenso só poderemos hoje publicar parte dele, prosseguindo a sua publicação nos números subsequentes.

Ex.ªs srs. presidente do Ministério e ministro do Comércio: Alarmados com as notícias publicadas nos jornais e atribuídas ao Ex.ª ministro do Comércio e seu chefe de gabinete, sobre a alienação ou arrendamento dos caminhos de ferro do Estado, os sinatários, modestos funcionários desses serviços públicos mas representantes legítimos de toda a classe ferroviária nesses empregos, pretendem trazer perante V. Ex.ªs as razões do seu alarme e os motivos da sua discordância com tal medida governativa.

Somos — bem o sabemos — funcionários subordinados de V. Ex.ªs, mas a todo o funcionário é permitido o direito de respeitosa representação.

Esse direito garante-o a Lei Fundamental do País — a Constituição. Garante-o ainda a nossa qualidade de cidadãos portugueses que não perdemos por sermos funcionários do Estado. Todo o cidadão tem o direito e o dever de transmitir aos seus governantes a sua forma de pensar e de sentir.

Estamos em regime de ditadura, bem o sabemos. Mas a ditadura suspendendo-nos as garantias constitucionais, não nos arranca o direito de cidadãos portugueses.

E' por isso, Ex.ªs senhores, que vos pedimos licença para até junto de vós trazer a nossa exposição que nenhuma má vontade oculta move e antes só um grande amor à nossa Terra inspira.

Como ferroviários ou como portugueses, ouvimos, Ex.ªs senhores. E porque convencidos estamos de que só acerta desejais, é que, leal e correctamente, até junto de V. Ex.ªs vimos, na certeza antecipada de que seremos, pelo menos, ouvidos. Não alimentamos a estulta pretensão de trazer-lhes, nas considerações que seguirem, a Verdade Suprema sobre esta momentosa questão.

Mas nascidos muitos de nós dentro dos caminhos de ferro, vivendo todos nós por eles e para eles, temos obrigação de muito lhes querermos e de alguma coisa sabermos da sua vida, organização e finalidade. Os caminhos de ferro são, simultaneamente, o nosso *Ganha-Pão* e o nosso *lar*. Por isso muito lhes queremos. Não fica mal a um governante, mesmo quando ele tem a alta competência de V. Ex.ªs, ouvir a voz do seu Povo. E nós somos o Povo dos caminhos de ferro.

Não sabemos ao certo quais os motivos determinantes dessa anunciada resolução ministerial. As informações dos jornais são demasiadamente vagas para, por elas, ficarmos devidamente esclarecidos. Procurámos ouvir do ex.ª ministro do Comércio mais detalhados informes. Trabalho baldado. Até este momento não tivemos a honra de ser recebidos por Sua Ex.ª.

Temos assim que nos orientar pela entrevista que o *Diário de Notícias* de 22 de Julho último, atribue ao Ex.ª ministro do Comércio. Pedimos venia para transcrevermos a parte dessa entrevista que ao arrendamento dos Caminhos de Ferro do Estado diz respeito. Reza assim:

«— E sobre a ideia de V. Ex.ª de arrendar

os Caminhos de Ferro do Estado, pode dizer-me se essa ideia irá por diante?

«—Estou firmemente resolvido a pô-la em prática. O meu plano geral já foi aprovado em conselho de ministros. Neste momento está-se estudando a organização das bases do concurso. E' um assunto muito delicado, que carece efectuar-se sem precipitações, porque acima de tudo há a necessidade de se defenderem e acatarem todos os legítimos interesses do Estado. Mas estou cada vez mais convencido que esse projecto trará grandes vantagens para o tesouro e por isso não o deixarei esmorecer ou apagar.

«—Espera então dele valiosos recursos financeiros?

«—Não tenho a esse respeito a mínima dúvida. Há quem diga que os Caminhos de Ferro do Estado actualmente já não dão «deficite». Mas ainda não me convenci assim seja. Pode o equilíbrio entre as receitas e os encargos existir aparentemente, mas nem por isso deixam de existir despesas feitas pelo poder central, provenientes de as linhas do Sul e Sueste e Minho e Douro serem exploradas pelo governo, e que desaparecem desde que o arrendamento se fizesse, já daí resultaria uma economia importante, a que, em benefício do tesouro, teríamos de juntar o que se obtivesse de positivo pela renda da adjudicação e pela participação de rendas, que não deixará de haver, desde que a exploração seja feita por uma empresa particular, concededora da sua missão».

Foi um pouco longa a transcrição. Mas sem ela, impossível não seria fixar, em bases sérias, o pensamento do Ex.ª ministro do Comércio. Feita a transcrição, fácil nos é concluir que a única razão determinante desta decisão ministerial é de natureza meramente financeira. O sr. ministro do Comércio supõe que os Caminhos de Ferro do Estado acarretam prejuízos para o Estado e deseja com eles obter receitas para o tesouro. A única forma que S. Ex.ª encontra para transformar esses prejuízos em lucros é o arrendamento. Discordamos e pedimos venia para dizermos as razões da nossa discordância.

Não salientaremos — porque não é o nosso intento — a extremidade que nos fere ao vermos o Ex.ª ministro do Comércio e Comunicações tão empenhado em procurar receitas para o Estado. Supunhamos que essa missão melhor quadrava à iniciativa do sr. ministro das Finanças. Ignorância nossa que o desconhecimento desses serviços facilmente justificam.

Mas se ao sr. ministro do Comércio incumba a missão de criar receitas que vão alimentar as faces depauperadas do erário público, — o que nós ignorávamos — seja-nos lícito contudo produzir a afirmação de que a finalidade dos Caminhos de Ferro não é produzir receitas para o Estado. Neste ponto são unânimes as opiniões de todos os economistas e o Ex.ª ministro do Comércio, que nós sabemos ser possuidor de uma larga cultura, sabe também como nós que os Caminhos de Ferro têm por função promover o bem estar dos povos, fomentar a sua riqueza, servir o comércio, auxiliar a indústria, defender a Nação, mas nunca constituir uma fonte de receita — uma espécie de imposto a mais sangrando a já exaurida capacidade tributária do torturado contribuinte. Pertencem à chamada categoria dos serviços de interesse público que o Estado tem de manter ainda quando esses serviços lhe acarretam prejuízos. Rascar um Caminho de Ferro não é o mesmo que redigir uma Lei lançando um novo imposto. O lucro que o Estado tem a esperar de um novo traço de Caminho de Ferro que rasga, só indirectamente o deve colher.

(Continua).

LU TA DE CLASSES

A acção persistente do operariado dinamarguês em defesa das 8 horas de trabalho

A jornada de oito horas de trabalho tem sido uma persistente reivindicação do movimento operário dinamarguês. Actualmente, a luta mantém-se com energia, embora o regime esteja praticamente adoptado.

Em 1872, a media das horas de trabalho era de catorze e meia, trabalhando os pais e os barbeiros mais de 16 horas e tendo, apenas, uma duodecima parte do operariado a jornada de 10 horas.

Era já considerada vantajosa a situação, em 1884, só porque dois quintos do operariado usufruía a jornada de 10 horas. Uma pequena fracção conseguiu, em 1900, a regalia de oito horas de trabalho: eram os trabalhadores marítimos e dos estaleiros navais, e os tipógrafos dos jornais. Mas os trabalhadores marítimos viram, pouco tempo depois, a sua regalia cortada por um ministro da defesa nacional.

No decurso de 36 anos, a jornada de trabalho foi reduzida de duas horas. Algumas classes foram até ao sacrifício para obterem o triunfo da sua reivindicação, como, por exemplo, os tipógrafos que, em 1905, aceitaram um contrato de trabalho por oito anos, o qual só lhe concederia as oito horas em 1910.

O período imediato à guerra foi a ocasião mais favorável, visto que a burguesia se constangia a aceder a todas as reclamações dos trabalhadores. Assim é que em 1919, o Parlamento reconheceu de facto o regime de oito horas de trabalho.

Em princípios do mesmo ano, o município de Copenhague reconhecia aos seus operários a jornada de oito horas de trabalho normal, e, a seguir, o Estado procedia de igual modo.

Após várias negociações, conseguiu-se que fosse reconhecido a todas as classes operárias o regime de oito horas de trabalho. Ficaram, porém, injustamente, excluídos os trabalhadores da agricultura, da navegação, condutores de carroças e *chauffeurs*. Todavia, o regime não é respeitado re-

gularmente. E o operariado prossegue na defesa da sua reivindicação.

Uma greve de canteiros, em Vigo

VIGO, 26 de Agosto. — Desde o principio do mês que dura a greve dos canteiros, motivada pela recusa dos patrões em conceder o aumento de cinquenta centimos nos salários e o custeio das ferramentas. O conflito envolve todos os ramos de construção civil e interessa toda a organização operária desta localidade.

As autoridades têm praticado todas as arbitrariedades, prendendo e desterrando operários, apenas por constituírem a comissão administrativa.

Os patrões foram a Guimariés, Braga e Fafe contratar operários que vieram ocupar o lugar dos grevistas. A Federação dos Trabalhadores de Vigo vai fazer um apelo às organizações portuguesas para que o movimento dos canteiros não seja traído.

Aos operários da Construção Civil, especialmente aos canteiros

A Federação da Construção Civil teve conhecimento, por correspondência que recebeu, de que a classe de canteiros de Vigo (Espanha) se encontra em greve para a conquista de mais salário, as autoridades têm perseguido violentamente os grevistas e em Portugal encontram-se, presentemente, alguns agentes dos industriais da construção civil daquela cidade espanhola no sentido de contratar operários desta indústria e especialmente canteiros, aos quais pretendem fluidir com mirabolantes promessas, mas o seu objectivo é conseguir operários que vão trair os seus camaradas em greve. Esta Federação previne todos os sindicatos da Construção Civil do país para que ponham de sobreaviso os seus componentes a fim de evitarem que eles vão, consciente ou inconscientemente, trair a justa causa dos nossos camaradas espanhóis.

Vida Sindical

C. G. T.

Reúnem conjuntamente, na próxima terça-feira, pelas 21 horas, a comissão administrativa da C. G. T. e o conselho jurídico.

COMUNICAÇÕES

Federação Mobilíaria. — Não tendo reunido o conselho federal na passada sexta-feira por falta de número fica o mesmo convocado para a próxima terça-feira.

S. U. da C. Civil. — Secção Profissional dos Serventes. — Em reunião da comissão administrativa foram tratados vários assuntos de interesse colectivo e resolvido convidar o tesoureiro a comparecer na próxima terça-feira, às 23,30 horas.

Sindicato do Pessoal do Município. — Reunião do Conselho Administrativo, que apreciou entre vários expedientes o do Comité pró-prospera por questões sociais e Secção Portuguesa do Socorro Vermelho Internacional, junto com os quais vinham 10 bilhetes 5 para a festa que o Comité realiza no próximo dia 5 e 5 para o passeio fluvial que o Socorro Vermelho promove ao Porto Brandão também no dia 5 em favor da criação da Colónia Infantil dos filhos dos presos, resolvendo ficar com os mesmos por atenderem fins a que se destinam. Apreciou também o movimento do pessoal e constatou a existência de novos despedimentos especialmente na 3.ª Repartição, resolvendo-se que uma comissão vá amanhã, ter uma entrevista com o chefe da mesma, sr. engenheiro Meleiros. Resolveu dissolver o fundo denominado solidariedade, passando o mesmo a fazer parte do fundo geral do sindicato e o subsídio aos presos a ser pago pelo Conselho Administrativo. Resolveu entregar a cobrança do sindicato a um cobrador geral, especialmente a das áreas que se encontram em pior estado.

Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina. — Reunião, tendo apreciado o ofício do Comité Pró-presos e do N. J. S. L. sendo resolvido atender o pedido contido no primeiro e guardar a resolução do outro para ocasião própria.

Deliberou ir apresentar na próxima quinta-feira à Câmara Municipal a reclamação sobre os melhoramentos urgentes que carece a área da cidade a que pertence.

CONVOCAÇÕES

DIAS PROXIMOS

S. U. da Construção Civil. — Secção dos Canteiros e Polidores de Mármore. — Reúne na próxima terça-feira para tratar do despedimento dos canteiros que trabalhavam na obra das Encomendas Postais a cargo do Conselho Técnico da Construção Civil. E' necessária a comparencia dos canteiros no seu máximo número.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação. — Comité Federal. — Reúne amanhã, para assuntos urgentes, pelas 21,30.

Núcleo de Lisboa. — Reúne na próxima terça-feira a assembleia geral deste núcleo, com a ordem dos trabalhos já publicada.